

Violências Veladas: A morte simbólica do sujeito idoso em instituições de longa permanência

Autora 1 (Andréa Luiza Alves Alcântara)

Acadêmica do curso de Psicologia – Centro Universitário Fametro – Unifametro

andrea.alcantara@aluno.unifametro.edu.br

Autora 2 (Karoline Beatriz Nogueira Rabelo)

Acadêmica do curso de Psicologia – Centro Universitário Fametro – Unifametro

karoline.rabelo@aluno.unifametro.edu.br

Autora 3 (Vitória Cavalcante Maciel Lima)

Acadêmica do curso de Psicologia – Centro Universitário Fametro – Unifametro

vitória.lima01@aluno.unifametro.edu.br

Co-Autor (Marcus Kleredis Monteiro Vieira)

Docente do curso de Psicologia – Centro Universitário Fametro – Unifametro

marcus.vieira@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Processo de Cuidar

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Encontro Científico: IX Encontro de Iniciação à Pesquisa

RESUMO

Introdução: O presente artigo irá tratar sobre as violências veladas e suas relações com a mortificação da subjetividade do sujeito idoso situados em instituições de longa permanência.

Objetivo: Promover reflexões acerca das práticas de violência velada em Instituições de Longa Permanência para idosos. Junto a isso, compreender a velhice, as práticas de poder implicadas nessa fase do desenvolvimento humano e a relação com a rotina de tais Instituições. **Métodos:**

O desenvolvimento do artigo se deu por meio de pesquisa exploratória, incluindo o levantamento bibliográfico já existente sobre o tema. **Resultados:** A partir da discussão feita

neste artigo, entende-se que, o indivíduo ao adentrar em uma instituição total, sofre várias perdas, inclusive de sua identidade, sendo essa considerada uma das violências veladas das quais são produzidas mesmo que de forma inconsciente. **Considerações finais:** Por fim, de acordo com os estudos em Goffman, conclui-se que as instituições totais possuem características em comum para com os indivíduos que nela residem, como a perda da autonomia, da identidade e da subjetividade, tendo como consequência a morte simbólica do sujeito, assim, faz-se necessário maiores discussões e estudos sobre o tema para promoção de qualidade de vida desses sujeitos institucionalizados.

Palavras-chave: Violência; Subjetividade; Instituição de Longa Permanência; Idosos;

INTRODUÇÃO

As violências veladas, segundo Abud (2012), “são como invasões sutis que não podem ser vistas facilmente, tratando-se de um processo silencioso, com o poder de minar a subjetividade humana e privá-la de sua autonomia”. Este tipo de violência, encontrado, na maioria das instituições totais, estas definidas por Goffman (1974, p.11) como um local em que vivem indivíduos em situações semelhantes separados da sociedade mais ampla, com rotinas fechadas e administradas por outros. As violências veladas acabam por mortificar, simbolicamente, o sujeito institucionalizado, tendo destaque para o sujeito idoso no presente artigo.

Para Brêtas (2003, p. 298): o envelhecimento é um processo complexo, pluridimensional, revestido por aquisições individuais e coletivas, fenômenos inseparáveis e simultâneos. Por mais que o ato de envelhecer seja individual, o ser humano vive na esfera coletiva e como tal, sofre as influências da sociedade. A vida não é só biológica, ela é social e culturalmente construída, portanto, pode-se dizer que os estágios da vida apresentam diferentes significados e duração.

Com isso, o envelhecer na instituição torna-se coletivo, tendo em vista o caráter normativo e igualitário presente nesta. Em que as rotinas são iguais, consequentemente, o desejo e a autonomia desses sujeitos são deixados à margem.

A morte simbólica surge então como um processo de transformação, de um sujeito que antes podia decidir o que faria em seus dias, podia exercer seu direito de ir e vir, assim, transformando-se em um indivíduo normatizado e “minimizado” para que possa caber nas normas da Instituição.

Dessa forma, o presente artigo, terá como principal objetivo apresentar a necessidade de promover reflexões acerca das práticas de violência velada em Instituições de Longa Permanência para idosos, com o intuito de promover maiores discussões sobre o tema. Mas também, se faz necessário, compreender a velhice, as práticas de poder implicadas nessa fase do desenvolvimento humano e a rotina nestas Instituições.

METODOLOGIA.

A partir das discussões feitas em estudos encontrados, o desenvolvimento desse artigo se deu através de uma pesquisa exploratória, que de acordo com Gil (2002), tem como principal objetivo, proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, incluindo o levantamento bibliográfico já existente sobre o tema.

Dando ênfase a temática escolhida para o artigo, será utilizado como embasamento teórico desse trabalho, as obras “Manicômios, prisões e conventos” do autor Erving Goffman, e, “Microfísica do Poder”, de Michel Foucault, e os artigos “O sujeito idoso na vida religiosa consagrada”, de Eder D’Artagnan Ferreira Guimarães e Vicente Paulo Alves, e, “Vigiar e punir no manicômio, na prisão, e no seminário católico”, de Silvio José Benelli. Esse levantamento bibliográfico foi feito através da ferramenta de pesquisa Google Acadêmico, a partir das palavras: violência, subjetividade, instituição de longa permanência e idosos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Erving Goffman, em sua obra “Manicômios, prisões e conventos”, nos apresenta o conceito de instituições totais e suas categorias. No presente trabalho, será discutido sobre a primeira categoria, que de acordo com o autor, seriam as instituições criadas para cuidar de pessoas que são “incapazes” ou “inofensivas”, e os impactos da violência velada no processo de mortificação da subjetividade do sujeito que nela está presente.

Durante os estudos, foi observado, que o processo de violência acontece assim que o sujeito começa a fazer parte de uma instituição total. O sujeito, cheio de concepção de si, e dos papéis que compõe a sociedade, ao entrar no ambiente, se vê diante de um “fechamento” entre ele e o mundo, ou seja, encontra barreiras ao tentar ter contato como o mundo fora da instituição, considerando assim, de acordo com Goffman, a primeira mutilação do eu. A partir disso, começa um intenso processo de perda de identidade do sujeito e mortificação, sendo reforçado, durante o processo de admissão do indivíduo na instituição. Para o autor, os processos de admissão poderiam ser denominados

como “arrumação” ou “programação”, pois o indivíduo ao entrar na instituição, passa a se conformar com a rotina imposta pela mesma, ou seja, o indivíduo passa a ser normatizado no espaço, para que seja mais fácil da instituição “domá-lo”, perdendo assim, parte da sua identidade.

Para Goffman (1974 p. 27):

“O processo de admissão pode ser caracterizado como uma despedida e um começo, e o ponto médio do processo pode ser marcado pela nudez. Evidentemente, o fato de sair exige uma perda de propriedade, o que é importante porque as pessoas atribuem sentimentos do eu àquilo que possuem. Talvez a mais significativa dessas posses não seja física, pois é nosso nome; qualquer que seja a maneira de ser chamado, a perda de nosso nome é uma grande mutilação do eu.”

Ainda sobre o processo de perda de identidade e padronização, é muito comum nas instituições totais, após a admissão, os sujeitos perderem os seus bens materiais que também fazem parte da sua constituição como sujeito, nos quais são substituídos pelo estabelecimento. Esses bens substituídos acabam por ser “marcados”, pois são padronizados de acordo com a instituição.

Em sua obra, o autor afirma (1974 p. 28):

Um conjunto de bens individuais tem uma relação muito grande com o eu. A pessoa geralmente espera ter certo controle da maneira de apresentar-se diante dos outros. Para isso precisa de cosméticos e roupas, instrumentos para usá-los, ou consertá-los, bem como de um local seguro para guardar esses objetos e instrumentos — em resumo o indivíduo precisa de um “estojo de identidade” para o controle de sua aparência pessoal.

Entende-se, assim, que o indivíduo ao adentrar uma instituição total, tem sua identidade roubada em diversos aspectos, desde seu afastamento do mundo externo à sua ausência de bens, portanto, são silenciados diante da instituição da qual fazem parte.

Nessas instituições, existe uma organização hierárquica baseada na obediência. Para exercer sua função dentro da instituição, o sujeito assume um papel onde precisa abandonar vários aspectos de sua vida antiga e viver em um ambiente onde, segundo Foucault, possui mecanismos de controle social de micropoder, que são mais racionalizados do que nas instituições de macropoder, porém velados. No macropoder, existe uma força opressora estatal em função da dominação de corpos, no micropoder, a opressão é reproduzida entre pessoas (Foucault, 1978). Foi observado que dentro dessas instituições existe uma diferença de tratamento para com as pessoas que se encontram em uma posição hierárquica de maior poder, e os outros precisam ser obedientes e seguir as ordens dos superiores.

Os indivíduos presentes na instituição são obrigados a seguir as regras do local, repletas de proibições e exigências e devem obedecer a equipe dirigente, caso contrário, estão sujeitos a castigos. Até mesmo as reações de descontentamento com as regras geram consequências à pessoa institucionalizada, como afirma Goffman (1974 p. 40) “a equipe diretora pode castigar diretamente os internados por essa atividade, e citar o mau humor e a insolência como base para outros castigos.”

De acordo com Foucault (1999b, p.149), tudo aquilo que está fora do prescrito ou programado pela instituição é objeto de punição disciplinar. O objetivo da punição é a produção de corpos e mentes padronizados, a normatização de comportamentos e atitudes do sujeito, construir espaços ausentes de subjetividade para que possam ser preenchidos por controle.

Foucault (1999b) fala sobre uma sociedade disciplinar sem brechas, ou seja, movimentos de resistência ao poder dentro dessa sociedade parecem impossíveis. Independentemente de onde esteja a pessoa, ela vai querer exercer alguma forma de poder, pois para o autor, o poder não é apenas repressor, pode ser também produtor de saberes e subjetividades.

A partir da discussão feita neste artigo, é possível observar os impactos das instituições totais na mortificação do eu nos idosos institucionalizados, sendo essas consideradas violências veladas que existem dentro de um espaço próprio para o cuidado, produzidas conscientes ou inconscientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão de violências veladas com idosos em Instituições de Longa Permanência e a validação de sua existência implica em uma produção de discussões acerca da qualidade de vida dos sujeitos institucionalizados, os quais mortificam sua subjetividade para “caber” nas normas da Instituição. Portanto, a partir dos estudos em Goffman, conclui-se que as instituições totais possuem características em comum para com os indivíduos que nelas residem, como a perda da identidade, da autonomia e, principalmente, de sua subjetividade.

REFERÊNCIAS

- ERVING GOFFMAN. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.
- FOUCAULT, M.; MACHADO, R. **Microfísica do poder**. Rio De Janeiro: São Paulo, 2015.
- GUIMARÃES, E. D. F.; ALVES, V. P. O sujeito idoso na vida religiosa consagrada. **Revista**

Kairós-Gerontologia, v. 15, n. 1, p. 71–90, 30 dez. 2012.

BENELLI, S.J. Vigiar e punir no manicômio, na prisão e no seminário católico. **Revista de Psicologia da UNESP**. v. 1, n. 1, p. 51-68, 2002. Disponível em: <<https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/4/5>>. Acesso em: 16 out. 2022c.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.